

Nota de abertura

Entre 2013 e 2018, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organizou uma série de *Seminários do Fim do Mundo*. Durante vinte e quatro sessões, falou-se sobre a representação e o imaginário da catástrofe, o cancelamento do tempo, a ruína das civilizações, o desaparecimento da existência humana; convocaram-se perspectivas artísticas, filosóficas, teológicas, políticas; interrogaram-se poemas, filmes, bandas desenhadas, videojogos. Após um ano de intervalo (ou um descanso sabático...), urgia regressar a todas essas questões – para pensar o seu reverso.

Se a História humana regista tantas formas de destruição e esquecimento, se o fim é uma ameaça insistente e plural, de que modo(s), pelo contrário, se pode salvar o mundo? Que palavras, gestos e acções permitem enfrentar a catástrofe e o aniquilamento? Como podem as artes inventar modelos de resistência, resgatar memórias, inaugurar um novo universo? E, finalmente: por que razão deve o mundo ser salvo? Para tentar responder, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organiza, desde Novembro de 2020 (em plena segunda vaga da pandemia de Covid-19), os *Seminários da Salvação do Mundo*, realizados on-line e transmitidos pelo youtube. Os libretos *Materiais para a Salvação do Mundo* publicam textos resultantes desses seminários abertos, ou tematicamente afins.

Neste volume, Sofia de Sousa Silva regressa à poesia de Adília Lopes para pensar as relações entre estética e ética, fim e salvação do mundo: se Adília amiúde denuncia a beleza como superficial, também a bondade pode ser “um instrumento de manutenção do *status quo*”; resta então resgatar a beleza num sentido “de ampliação da sensibilidade ou até de resistência a uma lógica economicista”. Também Vítor Ferreira interroga o valor da beleza na contemporaneidade, numa sociedade de consumo marcada pela explosão pandémica de fotografias. Lembrando a urgência de uma “ecologia das imagens” (Sontag), este ensaio observa fotografias de Joan Fontcuberta – convites de museus, desfeitos por caracóis – para pensar os limites das imagens a salvar. Hanmin Kim, cruzando o manifesto e a autobiografia, questiona a relação entre capitalismo e colapso ecológico, e relata as suas próprias experiências de activismo – em defesa do povo Karipuna, no estado de Rondônia, Brasil; em protecção do cetáceo Vaquita, ameaçado de extinção; e em nome do veganismo, por um mundo sem crueldade contra os animais.

Pedro Eiras